



## HOMILIA PARA A ORDENAÇÃO PRESBITERAL DO DIÁCONO MATHEUS RODRIGUES LOPES

Catedral Metropolitana, Montes Claros, 31 de janeiro de 2026

### **PROXIMIDADE COM DEUS: Para oferecer dons e sacrifícios (Hb 5,1)**

Nossa Igreja Particular de Montes Claros, de coração grato e exultante, recebe de Deus a graça de quatro ordenações presbiterais neste tempo. Neste contexto, vamos fazer um percurso de reflexão acerca das quatro proximidades que devem marcar a vida do presbítero, segundo indicação luminosa do querido Papa Francisco. Por ocasião de tua ordenação, caro diácono Matheus, quero refletir contigo e com os demais presbíteros a **proximidade com Deus**, requisito fundamental ao ministério ordenado, e convidar-vos a acompanhar nas demais ordenações as outras proximidades.

Os textos bíblicos que escolheste são inteiramente favoráveis à meditação da proximidade do presbítero com Deus. Quero tratar disso, portanto, em três acenos indicados pela Palavra de Deus que ouvimos.

#### **1º aceno: o presbítero é ungido e enviado por Deus para cuidar**

Somos (mais do que fomos...), somos ungidos, por um óleo que não seca nem se esvai, cujos efeitos permanecem para sempre. “Vós sois os sacerdotes do Senhor, chamados ministros de nosso Deus... quem os vir há de reconhece-los como descendentes abençoados por Deus”, diz o profeta num versículo posterior aos que acabamos de ouvir (v. 6). Somos portadores de uma unção poderosa e eficaz, que nos selou para uma pertença e uma amizade indissolúveis com Deus. Contudo, não é uma unção para exercício do poder e da tirania espirituais, mas uma unção para o serviço generoso aos irmãos, para o anúncio esperançoso das promessas de Deus, para o cuidado de todas as formas de vida. A unção é poderosa, mas é o poder de Deus que age, que realiza e dá efeito ao que fazemos ou devemos fazer de bom. O Senhor nos ungiu e nos enviou... Vamos por causa dele, por mandato dele, em comunhão profunda com ele, sob os efeitos do seu poder, na direção dos que ele nos destinou... na direção dos humildes, dos feridos na alma, dos cativos de muitos cativeiros, dos sem a graça, dos aflitos pelas tribulações, dos inconsolados de muitas dores, dos sofredores, dos tristes, dos sedentos de Deus... Eis, Matheus e queridos sacerdotes, a minha e a vossa missão. Não devemos descuidar de ninguém, mas não nos esqueçamos de que Deus estabeleceu preferidos, sem registrar excluídos. Como sacerdotes do Senhor, ministros de Deus, somos chamados a cuidar de todos, numa escala de preferência que o próprio Senhor estabeleceu. Ninguém excluído, mas começando por quem precisa mais ou espera há mais tempo, porque esquecidos pela Igreja (infelizmente!) e invisíveis aos que decidem sobre as escolhas do mundo. Os ricos, os sadios, os felizes, os livres, os que estão de pé... podem esperar sua vez enquanto dedicamos nosso primeiro tempo e nossas fadigas primeiras aos que estão nas situações inversas. Isso não é privilégio, é primazia, é opção evangélica, é fidelidade ao Mestre.

Diante da missão permanente e interminável que a unção nos conferiu é preciso sempre o discernimento entre as “minhas” coisas e a missão oriunda da unção. As minhas coisas, os meus projetos pessoais, as minhas vontades não são mais importantes nem prioritárias



diante da missão proveniente da unção. É preciso, inclusive, acreditar que a recompensa prometida por Deus venha ao encontro de nossas necessidades pessoais no tempo que o Senhor julgar como o mais próprio para oferecer seu cuidado diante de “nossas” individualidades, das “minhas” coisas. A preferência exigida pela unção é o cuidado dos outros. A recompensa que podemos esperar é, portanto, o cuidado de Deus com nossas coisas, se elas nos capacitam e qualificam melhor para a missão que brota da unção. Deus haverá sempre de nos tratar e atender dentro daquilo que responda, preencha e aperfeiçoe nossas aptidões para a unção do serviço. Na minha vida e na vossa vida sacerdotal, é necessário que esta palavra da Escritura se cumpra todos os dias, como ela se cumpre no hoje da vida de Jesus, assim como recorda o evangelista Lucas. Negligenciar a unção é trair o Espírito do Senhor que foi derramado sobre nós; é faltar com o amor cuidador que está na essência da nossa consagração; é gastar para outros fins os dons que Deus nos concedeu quando nos constituiu ministros e sacerdotes dele. Certamente não temos tudo que as pessoas vêm buscar em nós. Mas não podemos deixar de dar aquilo que só nós podemos dar: os bens espirituais que Deus nos confiou para distribuir, começando por dá-los aos mais simples e pobres. Isso não podemos negar a ninguém. Caso neguemos, estaremos sugerindo aos irmãos ir buscar estes bens em outros territórios espirituais ou os teremos deixado ir sem aquilo que foram buscar no coração de Deus através de nós, sem o que Deus tinha para lhes dar e “nós” decidimos não dar. Não neguemos a ninguém uma benção, uma prece, uma imposição de mãos, uma unção na enfermidade, uma oração na aflição, uma confissão restauradora. Não deixemos ninguém ir embora sem dar-lhe algo da parte de Deus. É nosso dever dar. É nossa missão oferecer. Estejamos sempre mais próximos de Deus para não nos cansar de oferecer a todos do tesouro espiritual de que somos administradores e distribuidores. Quanto mais próximos de Deus tanto mais conheceremos e teremos pressa em esparzir seus dons benditos, suas maravilhas, seus favores, seus benefícios, que ele quer largamente e permanentemente fazer chegar aos corações que creem, esperam e o amam.

## **2º aceno: Sacerdote para mediar as relações entre Deus e seu povo**

O presbítero é um mediador. A carta aos Hebreus, tratando do sacerdócio do Cristo, apresenta-o como único, verdadeiro e eficiente mediador. Ele, o único mediador por natureza e desígnio do Pai. Nós, mediadores por chamamento e imerecida participação nesta única mediação dele. Cristo, pela unção do Espírito Santo, foi constituído sacerdote da nova e eterna aliança, e este seu sacerdócio é perpetuado na Igreja através da eleição e chamamento de outros homens que, pela imposição de mãos, também participam do ministério sagrado do Sumo e Eterno Sacerdote Jesus Cristo. Em breve rezaremos no prefácio desta solene Eucaristia com o rito de tua ordenação: “Em nome de Cristo, [os sacerdotes] renovam o sacrifício da redenção humana, servindo aos fiéis o banquete da Páscoa, precedem o povo na caridade, alimentam-no com a Palavra e o restauram com os sacramentos. Dando a vida por vós [ó Pai] e pela salvação dos irmãos, [os sacerdotes] procurem assemelhar-se à imagem do próprio Cristo e testemunhem, constantes, diante de vós, a fé e o amor”. Eis, Matheus e irmãos presbíteros, nossa dignidade, nosso itinerário vocacional, nossa cotidiana conversão para alcançar Cristo. Em Cristo, o ungido com o Espírito Santo, fomos ungidos para a santificar o povo amado de Deus e para oferecer a Deus o santo sacrifício pelos nossos pecados e pelos pecados do povo.



O presbítero, portanto, é aquele que apresenta e conduz o povo a Deus e fala de Deus e o aponta ao povo. Apresentar e conduzir, falar e apontar não são ações rasas, mas movimentos que fundam uma relação vital e salvífica com o Senhor. Esta é nossa missão mediadora fundamental e fundante. Tudo o que fazemos a mais decorre desta nossa comunhão íntima com Deus, de quem estamos a serviço para santificar, formar, pastorear o rebanho que pertence a ele. E o que temos que oferecer ao rebanho que não é nosso, mas de Deus, são os meios e modos de uma comunhão sempre mais perfeita e eficaz entre o Supremo Pastor e suas ovelhas e cordeiros que o buscam nas estradas e perigos deste mundo. É nesta comunhão fecunda entre Deus e seu povo, pela mediação salutar dos sacerdotes do Novo Testamento, que capacitamos os que creem em Cristo para o bom combate da fé, vencendo injustiças, anticristos e toda forma de tirania, opressão e mal que retarda e nega o reino bom e divino de Jesus.

### **3º aceno: Seguir, servir e fazer pouca conta de si para ser honrado por Deus**

“Se alguém me serve, meu Pai o honrará”. O Pai te honrará, caro Matheus, e a nós, irmãos sacerdotes, se nossa existência presbiteral for um itinerário de seguimento, serviço e perda de nós mesmos nele e no seu mistério. Só assim o Pai nos honrará, colocará sobre nós sua benevolência, sua misericórdia, seu amor, sua santidade. Só há fruto quando o grão se entrega à terra. Nossa ministério dará fruto se nos perdemos numa comunhão permanente, diurna, fiel com Deus. Só haverá verdadeiros frutos espirituais e pastorais se formos inteiramente e tão somente sacerdotes cuja primeira e irrevogável tarefa – não dividida com outras – seja criar vínculos de comunhão sempre maiores e mais fecundos entre Deus e os que pertencem a ele. Nossos dons, nossa unção, nossa fadiga, nosso martírio cotidiano, nossa entrega até o fim são para oferecer à humanidade os mistérios insondáveis de Deus e entregar a Deus o povo crente que ele congregou para si. Isso não significa uma religião sem chão, sem história, sem mundo. Não há outro lugar onde possamos realizar e viver nosso ministério de mediação e participação senão nas estradas deste mundo, com suas contradições e paradoxos, suas graças e desgraças. É exatamente aí que anunciamos os mistérios de Deus, o Reino de Jesus, a verdade do Evangelho, a fim de que pastores e ovelhas – e ovelhas somos todos! – possamos manter sempre diante de nós os horizontes, as utopias, a escatologia da fé.

Vede, portanto, caro Matheus e irmãos sacerdotes: se nosso coração sacerdotal não estiver visceralmente unido a Deus, numa espiritualidade cultivada com todas as forças de nossa alma, correremos o risco de ser ministros que se assemelham a funcionários de culto cheios de nada, de panos, de exterioridades, de vazios, de esterilidades, de imanências e mundanidades. E infelizmente existem estes exemplares! A proximidade com Deus, como o primeiro movimento na vivência de nossa vocação presbiteral, não é um opcional, um gosto pessoal, uma alternativa dentre outras. Ou começamos de Deus, ou permanecemos em Deus, ou mostramo-nos perseverantes neste vínculo essencial e fundante com Deus, como escolhidos por ele para realizar uma mediação salvífica e nos constituir como sacramentos dele, mesmo imperfeitos e inacabados, ou então seremos indignos do ministério sagrado, que teremos usurpado por decisão nossa, por conta nossa e para benefício nosso. Deus nos livre desta insensata e pecaminosa opção.

Santo Agostinho apresenta o caminho certo: “O Senhor apascenta o seu rebanho, e junto com todos os bons pastores, ele é o único, porque todos estão nele... Louvor a ele que te



fez bom, se és bom, e não louvor a ti que, por ti mesmo só poderias ser mau”. Sejamos um no único, como reza o lema do Papa Leão XIV. Mantenhamos nossos olhos em Cristo Jesus e aprendamos dele e com ele a oferecer-nos como grãos que se sacrificam e morrem para gerar bom fruto, gerar vida, oferecer a salvação de Deus a todos. Como ensinava São Gregório de Nissa: “Quem quer que seja grande tem os olhos na cabeça. Não pode acontecer que quem tem os olhos em Cristo os fixe em alguma coisa vã. Quem tem os olhos na cabeça, entendendo cabeça como princípio de tudo, tem os olhos em toda virtude. E Cristo é a virtude absoluta e perfeita”. Portanto, olhos fitos em Jesus, caríssimo Matheus, caríssimos sacerdotes e diáconos. Sejamos pastores, e bons pastores! Nunca mercenários! Nunca maus! Nunca lobos! Sejamos próximos e íntimos de Deus e ele nos fará pastores bons, santos, dignos da unção que recebemos!

Rezemos e ajudemo-nos uns aos outros para que cada um de nós, no coração deste tempo e desta Igreja, seja homem habitado pela Trindade, ícone do Bom e Belo Pastor Jesus e sacerdote pelo qual o Senhor opera e realiza sua obra de chamar a si cada um dos seres humanos criados para a glória e a visão beatífica de Deus. Amém.

*+ José Carlos Campos*  
Dom José Carlos de Souza Campos

Arcebispo Metropolitano de Montes Claros-MG